

## A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: SÉRIES INICIAIS

Lívia Barbosa Pacheco Souza<sup>1</sup>

**RESUMO:** A educação infantil antirracismo requer questionar e abordar múltiplos fatores, incluindo como o campo da primeira infância privilegia o conhecimento eurocêntrico e os paradigmas de desenvolvimento, e como o privilégio e o poder brancos sustentam as práticas institucionais e administrativas. Em suma, a educação infantil antirracista se concentra em mecanismos institucionais e individuais que reificam a branquitude, limitam discussões críticas sobre raça e racismo e silenciam diversos saberes e experiências. Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo principal compreender a importância da educação antirracista na educação infantil. Por meio, de uma revisão bibliográfica de caráter qualitativo documental. Se compreendeu que para aprender sobre raça, as crianças precisam de tempo, espaço, currículo e apoio para falar e dar sentido ao que estão vendo e percebendo. Exige que os professores abracem a conversa, mesmo que sintam incerteza ou desconforto ao fazê-lo. Os professores devem falar sobre raça todos os dias porque a raça existe todos os dias. As crianças merecem espelhos que reflitam a si mesmas e janelas para observar as experiências de outras pessoas. Eles merecem a oportunidade de fazer as perguntas que se formam em suas mentes sobre diferenças e semelhanças à medida que aprendem a categorizar o mundo ao seu redor. Um é antirracista e luta contra o racismo, ou é racista por padrão. O racismo não é definido por quem você é, mas por suas ações. É o que se faz ou deixa de fazer que torna uma pessoa racista.

253

**Palavras-chave:** Educação Infantil. Educação Antirracista. Educação.

### 1. INTRODUÇÃO

Pesquisas consideráveis revelaram que crianças de até 3 anos discernem características raciais, incluindo diferenças no tom da pele e na textura do cabelo. Estudos também mostraram que crianças brancas se identificam com mais precisão, preferem seu próprio grupo e avaliam seu próprio grupo de forma mais positiva do que outros grupos raciais (ESCAYG, 2019).

---

<sup>1</sup>Especialista em Educação em Gênero e Direitos Humanos pelo NEIM-UFBA, em Gênero e Sexualidade na Educação pelo NUCUS-UFBA, e em Relações Étnico Raciais pela UNIAFRO-UNILAB; Graduanda da Licenciatura Plena em Pedagogia da UNEB. <https://orcid.org/0000-0002-3148-5536>.

Essas descobertas levaram ao surgimento de uma educação antipreconceituosa, multicultural e antirracista na educação infantil. Um currículo anti-preconceito normalmente se concentra em abordar uma gama diversificada de identidades, incluindo raça; em contraste, a educação antirracista reconhece a proeminência da raça em relação a outras identidades sociais – e a necessidade de colocar a raça em primeiro plano nas análises sociais, críticas e atividades pedagógicas (ESCAYG, 2019).

A educação infantil antirracismo requer questionar e abordar múltiplos fatores, incluindo como o campo da primeira infância privilegia o conhecimento eurocêntrico e os paradigmas de desenvolvimento, e como o privilégio e o poder brancos sustentam as práticas institucionais e administrativas. Em suma, a educação infantil antirracista se concentra em mecanismos institucionais e individuais que reificam a branquitude, limitam discussões críticas sobre raça e racismo e silenciam diversos saberes e experiências (ESCAYG, 2019).

Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo principal compreender a importância da educação antirracista na educação infantil, através dos objetivos específicos de conceituar educação antirracista; compreender a educação antirracista na educação infantil; analisar e compreender o que é racismo.

Por meio, de uma revisão bibliográfica de caráter qualitativo documental se espera responder à questão problemática “Como a educação antirracista é importante na educação infantil?”

## 2.O QUE SE ENTENDE POR RAÇA E RACISMO?

Raça pode significar cor ou nacionalidade. Também pode significar origens étnicas ou nacionais, que podem não ser iguais à nacionalidade atual. A raça é frequentemente ligada à ideia de que as pessoas podem ser divididas em diferentes grupos com base em características físicas que são percebidas como compartilhadas , como cor da pele, formato dos olhos , etc (GORMAN, 2016).

O termo raça também tem sido aplicado a grupos com uma língua comum (a 'raça latina'), a grupos religiosos (a 'raça judaica') e a grupos com poucos ou nenhum traço físico que os distingue de seus vizinhos (a 'raça' raça irlandesa'). Embora algumas pessoas continuem a pensar na raça como um número de populações fisicamente distintas, os avanços científicos no século 20 demonstraram que as variações físicas

humanas não se encaixam em um modelo 'racial'. Em vez disso, as variações físicas humanas tendem a se sobrepor (GORMAN, 2016).

Não há evidências de que os grupos que comumente chamamos de “raças” tenham identidades genéticas distintas e unificadoras. Na verdade, há mais variação genética dentro do que consideramos raças do que entre grupos. Apesar das associações com características de superfície como a cor da pele, não há limites claros onde uma categoria racial começa e outra termina (GORMAN, 2016).

Os cientistas provaram que é falso que os humanos possam ser categorizados em diferentes raças com base em sua biologia. Os riscos para a saúde tradicionalmente associados à raça estão agora sendo associados ao impacto do racismo. Em vez disso, aceita-se que essas categorias de grupos raciais são uma construção social, ou seja, uma ideia feita pelo homem. Por exemplo, quem foi definido como 'Branco' ou 'Preto' mudou ao longo do tempo à medida que as ideias mudaram (GORMAN, 2016).

A ideia de raça começou a evoluir no século XVII, quando os europeus começaram a explorar e colonizar diferentes lugares. A raça surgiu como um conceito que tentou justificar a exploração, a dominação e a violência contra pessoas consideradas não brancas. Durante a época do Império Britânico, as teorias de que as pessoas poderiam ser divididas em grupos 'raciais' tornaram-se populares (GORMAN, 2016).

255

Essas teorias, embora falsas, tornaram mais fácil para a Grã-Bretanha minimizar a brutalidade da escravidão e da colonização. 'Outras raças' eram retratadas como inferiores, até mesmo subumanas, e precisando de 'ajuda' da Grã-Bretanha. Isso impactou os estereótipos raciais que vemos hoje, onde as minorias étnicas são frequentemente tratadas como se fossem 'diferentes' em comparação com a comunidade escocesa branca 'normal'. Esse senso de diferença e hierarquia sustenta o racismo (GORMAN, 2016).

A raça também influenciou a política de imigração britânica. Por exemplo, a Lei de Nacionalidade Britânica de 1981 descartou a antiga cidadania do Reino Unido e das Colônias de uma forma que conferia um novo status de 'cidadão britânico' automaticamente aos brancos, mas muitas vezes condicionalmente aos negros e asiáticos que anteriormente eram considerados cidadãos britânicos; seguiu-se o escândalo Windrush (GORMAN, 2016).

Embora o conceito de raça não tenha base biológica, o racismo é um sistema de categorização social que beneficia certos grupos de pessoas e prejudica outros grupos

de pessoas. A categorização social que resultou teve um impacto real e causou danos incalculáveis (GORMAN, 2016).

"A raça tem consequências reais porque as categorias raciais foram inventadas com o único propósito de reforçar a desigualdade. "Esse sistema de categorização social baseado na raça também resultou no privilégio branco: isso se refere às vantagens que automaticamente se aplicam a uma pessoa por ser branca, em uma sociedade que é projetada em torno de uma visão de mundo de um grupo étnico majoritário branco (GORMAN, 2016).

Um grupo étnico é um grupo de pessoas unidas por certas características que compartilham; estes podem incluir língua, cultura, história, folclore, ideologia, origem nacional, nacionalidade ou ascendência. Já o Racismo pode ser compreendido e dividido como:

Racismo interpessoal: Preconceitos, ações individuais e comportamentos discriminatórios em que uma pessoa faz suposições sobre as habilidades, motivos e intenções de outras pessoas com base na raça. Este conjunto de preconceitos pode levar a ações cruéis (por exemplo, discurso de ódio racista) e ações não intencionais contra uma pessoa ou um grupo de pessoas (GORMAN, 2016).

256

Racismo internalizado: Isso ocorre como resultado de mensagens subliminares de inferioridade e superioridade racial presentes na sociedade. Isso pode fazer com que pessoas de etnias minoritárias internalizem mensagens negativas sobre suas próprias habilidades e valor intrínseco (GORMAN, 2016).

Racismo institucional: Quando instituições e organizações discriminam pessoas de etnias minoritárias para limitar seus direitos. O relatório do Inquirido Stephen Lawrence definiu-o como:

O fracasso coletivo de uma organização em fornecer um serviço adequado e profissional às pessoas por causa de sua cor, cultura ou origem étnica. Pode ser visto ou detectado em processos, atitudes e comportamentos que equivalem à discriminação através de preconceitos inconscientes, ignorância, negligência e estereótipos racistas que prejudicam as minorias étnicas.' (MACPERSON, 1999).

Racismo estrutural: Isso se refere às estruturas, ações e crenças econômicas, políticas, sociais e culturais que sistematizam uma distribuição desigual de privilégios, recursos, segurança e poder em favor do grupo racial dominante em detrimento de todos os outros grupos raciais. Exemplos disso podem ser encontrados na super-

representação de certos grupos étnicos minoritários na pobreza, desemprego e mortes relacionadas ao Covid (GORMAN, 2016).

É importante compreender que xenofobia é o medo e ódio de estranhos ou estrangeiros, enquanto o racismo tem um conjunto de significados mais amplo, incluindo a crença de que as diferenças raciais produzem a superioridade inerente de uma determinada raça. Embora sejam semelhantes, são suficientemente diferentes para que seja possível ser xenófobo e racista (GORMAN, 2016).

### **2.1 O que queremos dizer com igualdade racial e educação antirracista?**

Dois conceitos interligados relacionados à educação para a igualdade racial foram destacados por Rowena Arshad. Um conceito considera a igualdade racial como uma medida de resultado que avalia se as lacunas relacionadas à conquista e à conquista foram reduzidas ou eliminadas. O segundo conceito refere-se a um imperativo moral de educar todos os alunos para que não discriminem com base na raça (GORMAN, 2016).

Mais recentemente, o termo 'educação antirracista' é usado para descrever a aprendizagem que funciona proativamente para prevenir e desafiar o racismo que existe em nossa sociedade. A educação para a igualdade racial, portanto, precisa apoiar uma experiência educacional onde cada criança e jovem prospere e tenha sucesso, em um ambiente que promova ativamente a igualdade e enfrente o racismo (GORMAN, 2016).

### **2.2 Por que a igualdade racial e a educação antirracista são necessárias?**

A educação antirracista capacita crianças e jovens a se engajarem em um mundo cada vez mais diversificado e globalizado, onde as pessoas podem ser unidas por sua humanidade comum e aprimoradas por sua diversidade. Capacita os alunos a desenvolver uma compreensão de seus próprios valores, crenças e culturas e as dos outros (GORMAN, 2016).

A educação antirracista ajuda as crianças a compreender e realizar seus próprios direitos e os direitos dos outros dentro da escola, na comunidade e globalmente. A educação antirracista ajuda os alunos a compreender as consequências nocivas do racismo e a desafiá-lo ativamente onde quer que ocorra. Ajuda a garantir que o

ambiente de aprendizagem seja seguro e inclusivo, sem discriminação racial, desigualdade ou racismo (GORMAN, 2016).

### 2.3 Impacto do racismo na saúde mental

O racismo interpessoal e institucional pode ter impactos negativos na saúde mental. Os sintomas de doença mental causados pelo racismo podem incluir baixo humor, baixa autoestima, hipervigilância, trauma, ansiedade e depressão. O acúmulo de racismo interpessoal repetido e o impacto do racismo institucional podem causar estresse que pode ter impactos de longo prazo na saúde física. Os impactos do racismo na saúde mental podem levar crianças e jovens a se desvincularem da educação e a sentimentos de alienação e isolamento (GORMAN, 2016).

O racismo estrutural causa desigualdades socioeconômicas em toda a sociedade escocesa. Minoria étnica nas comunidades são mais propensas à pobreza, têm piores resultados educacionais, maior desemprego, têm contato com o sistema de justiça criminal e podem enfrentar desafios para acessar ou receber serviços profissionais apropriados. Isso também afeta a saúde mental enquanto cria barreiras para receber apoio (GORMAN, 2016).

258

Discutir seus sentimentos com a família pode ser difícil devido ao estigma e à falta de reconhecimento das dificuldades de saúde mental em algumas comunidades. As barreiras para falar com os funcionários incluíam a falta de um espaço seguro para fazê-lo e que os incidentes racistas não eram levados a sério pelos funcionários da escola e outros adultos (GORMAN, 2016).

Notou-se também que a saúde mental de algumas crianças e jovens foi impactada negativamente pelas expectativas culturais, especialmente as de gênero, e pelos desafios de negociar identidade e pertencimento como imigrantes de segunda ou terceira geração. Este relatório também identifica uma série de barreiras para se envolver com serviços de saúde mental (GORMAN, 2016).

Prevenir e responder aos impactos do racismo na saúde mental exigirá o contínuo desenvolvimento de um ambiente escolar seguro e respeitoso que tenha igualdade racial e anti-racismo entrelaçados no currículo e em todos os aspectos do sistema escolar. Por meio do processo de intervenção em etapas, a equipe solicitará suporte para alunos que precisam de suporte de várias agências (GORMAN, 2016).

Incidentes e divulgações de racismo devem ser respondidos adequadamente, pois uma resposta oportuna e informada sobre trauma a uma divulgação de abuso ou incidente pode ajudar a mitigar alguns dos impactos na saúde mental. A escola deve ter espaços seguros protegidos e todos os funcionários devem ser treinados para apoiar aqueles que sofreram racismo (GORMAN, 2016).

Grupos comunitários apropriados podem apoiar com isso. Considere também os sistemas de apoio em vigor para alunos que correm o risco de enfrentar o racismo e se o apoio à saúde mental faz parte desses sistemas. Também pode ser útil planejar espaços seguros físicos e online, como clubes antirracistas, semelhantes aos cafés LGBTQ+. Espaços seguros nas salas de aula e em toda a comunidade escolar são essenciais para amortecer os efeitos adversos do estresse relacionado à raça e do trauma racial causado pelo racismo. É importante reconhecer que a saúde mental dos funcionários de etnias minoritárias também pode ser impactada negativamente pelo racismo nos estabelecimentos de ensino (GORMAN, 2016).

### 3. EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

A educação antirracista, também conhecida como educação antirracista, surgiu dentro do campo mais amplo da educação multicultural. Seu foco explícito nas relações de poder, estruturas institucionais e identidade o distinguem das formas mais tradicionais de educação multicultural (LUND; CARR, 2008).

A educação antirracista enfatiza a necessidade de abordar as barreiras sistêmicas que cultivam e sustentam o racismo, particularmente em ambientes educacionais. Da mesma forma, no nível teórico, a educação antirracista busca apoiar a justiça social e a equidade, entendendo e lidando com a complexidade da identidade e a interseção de diversas formas de diferença e marginalização, incluindo classe social, gênero, etnia, habilidade, origem, orientação sexual e religião, entre outros (LUND; CARR, 2008).

O termo educação antirracista é mais contestado do que educação multicultural porque menciona especificamente a palavra raça, agora entendida como sem significado biológico. Enquanto a raça não tem mais importância como um conceito genético, a sociedade há muito se organiza em torno de categorizações de pessoas com base na percepção identidade racial (LUND; CARR, 2008).

Educação antirracista busca corrigir iniquidades dentro deste contexto social. Por um lado, está o realidade concreta de insucesso, marginalização, e discriminação e, por outro, uma ideologia generalizada de individualismo, realização baseada no mérito e um sistema educacional que historicamente ignorou questões de justiça social (LUND; CARR, 2008).

Em sua conceituação de educação antirracista, estudiosos Dei e Calliste (2000) questionaram a noção de um daltônico na sociedade e defendem uma política mais transparente e partilha equitativa do poder. A história das relações raciais nunca é neutra, e a educação antirracista exige pesquisar e criticar livros didáticos, currículos, políticas, resultados e condições gerais relacionadas à educação para melhor entender e agir sobre a desigualdade e racismo.

Como as recentes declarações de Carr e Lund (2007) o trabalho conclui, isso deve incluir o reconhecimento de Brancura, o entendimento de que os brancos têm adquirido e exerceu poder e privilégio com base na sua identidade racial. O papel e a implicação de White professores em salas de aula com diversos corpos estudantis tem sido uma área de interesse crescente para educadores antirracistas.

A premissa da educação antirracista é que excelência e equidade estão entrelaçadas. Para alcançar a equidade, esforços, estratégias e recursos explícitos e implícitos deve ser concentrado e ativado em um homem coerente. Henry e Tator escreveram sobre a “cor da democracia”, documentando como as supostas estruturas e sistemas democráticos funcionam para apoiar o racismo. Para que a educação antirracista seja realizada, é imperativo que os sistemas, estruturas e instituições são avaliados criticamente e reformados.

Teóricos antirracistas neomarxistas ligaram o racismo e marginalização na sociedade com o capitalismo e a exploração econômica da classe trabalhadora e dos grupos marginalizados. Seguindo o trabalho de Paulo Freire, Henry Giroux e outros promoveram a necessidade de alfabetização política e pedagogia crítica, amplamente considerados elementos importantes do movimento de educação antirracista.

A educação antirracista, portanto, busca cultivar o pensamento crítico e a valorização dos alunos pelas experiências vividas por todas as pessoas. Dar voz àqueles que tradicionalmente foram marginalizados é um passo fundamental para tornar as escolas mais inclusivas e representativas (LUND; CARR, 2008).



A educação antirracista busca desenvolver um currículo inclusivo que estimule a reflexão e a ação crítica, infundida em todas as disciplinas e na cultura escolar. Como argumentou Kailin (2002), todos os professores devem ser capazes de apresentar conceitos, exemplos, lições e atividades que promovam a justiça social e a equidade e que apoiem o alto desempenho acadêmico.

Os educadores antirracistas entendem que toda educação é política, e sua abordagem da desigualdade inclui a necessidade de abordar os desequilíbrios de poder em benefício de todos os alunos.

### **3.1 Mudando de multicultural Educação para Educação Antirracista**

Enquanto pedagogos críticos e acadêmicos geralmente se referem à educação multicultural, isso difere das conceituações do termo em outros países. Em meados da década de 1990, Mansfield e Kehoe (1994) caracterizaram a cisma antirracista, observando que a educação multicultural é geralmente focada na harmonia intergrupar, na celebração da diversidade e na herança e orgulho cultural, enquanto a educação antirracista atende à desvantagem educacional, racismo sistêmico, relações de poder, política e análise crítica.

Da mesma forma, May (1999) tem criticado as promessas não cumpridas da educação multicultural, particularmente a perspectiva limitada sobre relações de poder desiguais. Ele tem como objetivo o currículo eurocêntrico que permeia o ensino e a aprendizagem e exige uma compreensão mais ampla do contexto social que molda a experiência educacional.

A educação antirracista levanta questões que muitas vezes suscitam desconforto e tensão, e seus apoiadores entendem esse conflito como parte necessária do processo de aprendizagem. Eles acreditam que a educação não deve evitar lidar com questões sistêmicas, mas, ao contrário, deve exigir que os alunos se engajem em compreender e agir em questões controversas (LUND; CARR, 2008).

A educação antirracista pressupõe um compromisso com a práxis da educação – a interseção da teoria e da prática – estendendo as práticas anteriores de educação multicultural que se limitavam a promover a tolerância e o respeito (LUND; CARR, 2008).

A educação antirracista analisa criticamente tanto o desenvolvimento quanto a implementação da política educacional. Embora o processo de desenvolvimento de

políticas seja importante, a educação antirracista considera de perto o resultado de tais políticas (LUND; CARR, 2008).

Por exemplo, a taxa de abandono – ou como Dei (1996) chama, a taxa de “expulsão” – de estudantes negros/afro-americanos na educação deve problematizar em vários níveis. Em vez de patologizar o papel da família negra/afro-americana, os educadores antirracistas estão criticamente focados em como professores, diretores, funcionários da educação e tomadores de decisão são cúmplices nessa situação (LUND; CARR, 2008).

As políticas antirracismo são muitas vezes repletas das mesmas questões que pretendem desmantelar, ou seja, discriminação sistêmica, resistência passiva e status marginalizado em competição com um currículo focado em alcançar altos padrões acadêmicos. Além da política formal articulando diretrizes para ação, as jurisdições com tais políticas costumam fornecer documentos de recursos, treinamento e mecanismos de resolução de disputas para monitorar e apoiar o progresso (LUND; CARR, 2008).

### **3.2 Crítica à Educação Antirracista**

262

Alguns criticam a educação antirracista por ser abertamente política e, além disso, por se concentrar muito estreitamente na raça. Outros refutam a noção de que os brancos oprimem universalmente os negros, argumentando que a educação antirracista muitas vezes distorce a complexa realidade vivida das pessoas dentro de diversas demografias. A ênfase na raça também é criticada por subverter outras formas de diferença, especialmente gênero, classe social e cultura. Da mesma forma, os críticos afirmam que a superidentificação da raça pode reforçar os estereótipos negativos relacionados à identidade racial (LUND; CARR, 2008).

### **3.3 A contribuição de uma abordagem baseada em direitos para a igualdade racial e antirracismo**

Uma educação baseada em direitos ajuda as crianças a compreender e realizar seus próprios direitos e os direitos dos outros dentro da escola, dentro da comunidade e globalmente. Se reconhece que todos os alunos têm o direito de opinar na tomada de decisões que afetam suas vidas, incluindo decisões tomadas em estabelecimentos de ensino (LUND; CARR, 2008).

Uma revisão de um grupo de escolas que adotaram uma educação baseada em direitos descobriu que em algumas das escolas multiétnicas e multirreligiosas, o trabalho com os direitos das crianças “forneceu um conjunto subjacente coerente e comum de valores em toda a escola. Isso criou um ethos de aceitação e celebração da diversidade de fé e cultura” (p. 26 *apud* GORMAN, 2016). As escolas em seu estudo relataram uma redução no bullying e um aumento nas relações e atitudes positivas em relação à diversidade.

O Comitê dos Direitos da Criança da ONU (2016 *apud* GORMAN, 2016) reconheceu que o ensino dos direitos humanos pode contribuir para o combate ao bullying baseado em preconceito. O reconhecimento dos direitos das crianças está fortemente ligado ao fortalecimento da participação dos alunos. Os funcionários precisam garantir que os alunos de etnias minoritárias possam contribuir plenamente para as decisões sobre sua aprendizagem e sua comunidade de aprendizagem.

### 3.4 Desenvolvendo cidadãos globais

A Declaração de Educação Global de Maastricht de 2002 define a Educação Global como uma que “abre os olhos e as mentes das pessoas para as realidades do mundo e as desperta para criar um mundo de maior justiça, equidade e direitos humanos para todos.” (GORMAN, 2016).

A Educação para a Cidadania Global é um aspecto vital da abordagem curricular transversal da Aprendizagem para a Sustentabilidade. Incentiva os indivíduos a pensarem profunda e criticamente sobre o que é justo e equitativo e o que minimizará os danos ao nosso planeta. Explorar temas de Cidadania Global ajuda os alunos a se tornarem mais confiantes em defender suas crenças e mais habilidosos em avaliar a ética e o impacto de suas decisões. Por meio desse processo de melhor compreensão de como nossas escolhas e ações têm repercussões para as pessoas e suas comunidades local e globalmente, apoia os indivíduos a agir em questões sociais e ambientais (GORMAN, 2016).

Existem sinergias claras entre a Cidadania Global e a educação antirracista. A Cidadania Global nos pede para interrogar nossas suposições e preconceitos, reconhecendo que interpretamos o mundo através de nosso contexto social específico. Esse processo de desaprendizagem e desenvolvimento de habilidades críticas de alfabetização ajuda os alunos a reconhecer, compreender e desafiar a discriminação e a

desigualdade, por exemplo, explorando criticamente a linguagem usada para descrever os refugiados na mídia (GORMAN, 2016).

## 5. EXPLORANDO O ANTI-RACISMO EM EDUCAÇÃO INFANTIL

Os educadores da primeira infância podem aplicar o antirracismo à sua prática profissional de várias maneiras, mas o primeiro passo crítico no desenvolvimento de uma pedagogia antirracista é se engajar em uma autorreflexão contínua. A maioria dos professores são mulheres brancas de classe média; eles devem confrontar, interrogar e analisar suas suposições, conhecimentos e experiências em torno de raça e racismo (ESCAYG, 2019).

Por exemplo, é possível orientar os alunos no processo de desconstrução da raça fazendo perguntas como: “O que é raça?” “A raça é um conceito biológico?” “Quais são os efeitos sociais da raça?” Essas perguntas são um ponto de partida para os alunos explorarem como o conceito de raça evoluiu, usando leituras e discussões em grupo (ESCAYG, 2019).

Eles aprendem a interagir rogar o conceito biológico de raça (isto é, a ideia de que existem categorias biológicas raciais distintas). Isso lhes fornece uma base teórica para explorar a raça como uma construção social, os processos históricos e sociais inerentes à criação de categorias raciais e como elas estão intimamente ligadas e reproduzem as desigualdades sistêmicas (ESCAYG, 2019).

O reconhecimento da raça como uma construção social também deve ser combinado com reflexões contínuas, deliberadas e ponderadas sobre as experiências da infância com a raça. Esse processo ajuda os professores brancos a conectar suas experiências pessoais com sistemas, instituições e práticas culturais que mantêm o racismo e o privilégio branco (ESCAYG, 2019).

Por exemplo, a maioria dos professores brancos foi criada em bairros predominantemente brancos e, como meus alunos brancos indicaram, raramente questionam as razões históricas e as práticas institucionais que levaram a ambientes totalmente brancos ou de maioria branca (ESCAYG, 2019).

Depois que os alunos desconstruíram a raça, discutimos a definição de racismo sistêmico, se isolam instituições específicas (por exemplo, educação, saúde, emprego, residência de bairro) e, em seguida, identificamos desigualdades raciais contemporâneas dentro delas, com base em uma análise abrangente de políticas e

práticas históricas. O objetivo é que os alunos compreendam as raízes históricas das desigualdades sistêmicas contemporâneas, e também façam a ponte entre experiências pessoais e as macroestruturas que informam suas vidas diárias (ESCAYG, 2019).

Outro problema relacionado a ser levantado em um espaço predominantemente branco é a falta de contra-imagens/histórias. A mídia dissemina uma enxurrada de imagens estereotipadas de grupos raciais, e os professores podem, consciente ou inconscientemente, aplicá-las em suas interações sociais e/ou profissionais cotidianas com crianças pequenas e suas famílias (ESCAYG, 2019).

Feagin (2010) se referiu a isso como a “moldura racial” branca. Assim, um componente integral do anti-racismo é explorar como esse quadro racial afeta a forma como os professores percebem os alunos e a prática em sala de aula, e também desvendar os fatores que contribuem para o quadro. Os professores precisam se engajar na autorreflexão para entender como as práticas de socialização em casa e na escola moldaram suas crenças e atitudes raciais (ESCAYG, 2019).

Outra técnica é que os professores “escrevem uma autobiografia racial/cultural, na qual descrevem sua formação ou identidade e quaisquer características que considerem particularmente influentes em seu próprio desenvolvimento, experiência e perspectiva de vida” (KAILIN, 2002, p. 127).

Vale ressaltar que a autorreflexão é um processo contínuo. Os professores não devem ser desencorajados pela primeira fase de sua exploração; eles devem usar o que descobriram (incluindo memórias desconfortáveis) para se envolver em um exame mais honesto, focado, rico e profundo de sua identidade, experiências e conhecimento racial. A autorreflexão voltada para um objetivo antirracista requer coragem e humildade (ESCAYG, 2019).

A identidade do professor, e em particular uma identidade antirracista, é central para identificar e implementar práticas de ensino transformadoras (UTT; TOCHLUK, 2016). As abordagens pedagógicas na sala de aula da primeira infância podem incluir o fornecimento de materiais diversos e o envolvimento em discussões críticas que usam uma lente interseccional para nomear e criticar o racismo, as desigualdades, o privilégio branco e os estereótipos raciais, de gênero e de classe. Em vez de simplesmente nomear um estereótipo como falso, os educadores antirracistas devem explicar como as relações de poder sustentam as representações racializadas e como elas servem para manter o racismo.

O fornecimento de diversos materiais de aprendizagem por si só, como bonecas, embora louvável, não pode perturbar as percepções e atitudes racializadas das crianças. Os professores também precisam envolver as crianças em discussões focadas sobre raça e racismo, usando exemplos concretos com os quais possam se relacionar – esse processo pode revelar concepções errôneas, bem como preferências raciais entre as crianças (ESCAYG, 2019).

Por exemplo, os professores podem fazer perguntas como: “O que você acha que a palavra raça significa?” “O que significa poder?” e “O que é racismo?” Os professores também podem usar um conjunto de estímulos de imagens representando crianças brancas e racializadas para fazer perguntas abertas como: “Diga-me algo sobre a pessoa nesta foto”. “É alguém com quem você gostaria de brincar? Por que?” Outra técnica é que os professores observem as interações lúdicas para determinar se as crianças excluem/ incluem colegas com base na raça (ESCAYG, 2019).

Tem sido sugerido que ambientes de aprendizagem baseados em brincadeiras também podem ser bastante úteis para ensinar crianças sobre privilégio e opressão raciais. Por exemplo, centros de teatro podem ser projetados para representar contextos institucionais específicos (como o governo ou a mídia) com o objetivo de demonstrar a baixa representação de não-brancos (ESCAYG, 2019).

Isso pode servir como uma entrada apontam para discussões de poder, privilégio racial e os resultados concomitantes de desvantagens socioeconômicas baseadas na raça. As práticas de ensino antirracistas vão além de apenas proporcionar às crianças uma “valorização pela diferença”. O ensino transformador e antirracista requer o próprio processo de auto-reflexão dos professores para inspirar o pensamento crítico, expor os mecanismos do racismo e encorajar as crianças a questionar e criticar sistemas e práticas sociais (ESCAYG, 2019).

Assim, ao incorporar técnicas antirracismo na educação infantil, os professores podem envolver a agência das crianças apoiando ativamente identidades raciais positivas entre crianças racializadas e ajudando a cultivar identidades antirracistas entre crianças brancas. Esses processos são centrais para uma pedagogia antirracista e, como resultado, promovem mudanças institucionais e sociais contínuas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para aprender sobre raça, as crianças precisam de tempo, espaço, currículo e apoio para falar e dar sentido ao que estão vendo e percebendo. Exige que os professores abracem a conversa, mesmo que sintam incerteza ou desconforto ao fazê-lo. Os professores devem falar sobre raça todos os dias porque a raça existe todos os dias. As crianças merecem espelhos que reflitam a si mesmas e janelas para observar as experiências de outras pessoas. Eles merecem a oportunidade de fazer as perguntas que se formam em suas mentes sobre diferenças e semelhanças à medida que aprendem a categorizar o mundo ao seu redor.

Ao contrário das abordagens mais comuns adotadas, ser antirracista é mais do que amar todas as crianças da mesma forma ou ensinar as crianças de maneira mais geral sobre bondade e justiça. É mais do que celebrar a diversidade durante eventos especiais e depois seguir em frente com o currículo. Professores antirracistas ensinam sobre racismo ao longo do dia e do currículo. Eles apontam e reconhecem isso, e convidam as crianças a discutir raça, racismo e desigualdade quando as veem. Quando os professores convidam a conversa sobre como todos estão aprendendo sobre raça e que o racismo está ao nosso redor, damos às crianças o espaço para nomeá-lo e se tornarem antirracistas.

Muitas organizações incluem diversidade, inclusão e equidade em suas declarações de missão. Diversidade é o esforço para aumentar o número de pessoas de cor, e inclusão (neste contexto) é o esforço para incorporar a entrada de pessoas de cor. Equidade é o foco implacável na eliminação das desigualdades raciais e no aumento do sucesso de todos os grupos fundamentalmente, para criar espaços antirracistas na primeira infância, os educadores da primeira infância devem abraçar os conceitos de antirracismo. Eles devem tomar ações diretas e intencionais contra comportamentos, práticas, políticas e crenças racistas para dismantelar e interromper o racismo.

O antirracismo postula que não há meio termo. Não existe “não racista”. Um é antirracista e luta contra o racismo, ou é racista por padrão. O racismo não é definido por quem você é, mas por suas ações. É o que se faz ou deixa de fazer que torna uma pessoa racista.

## REFERÊNCIAS

- CARR, P.; LUND, D. E. O Grande Branco Norte? Brancura, privilégio e identidade na educação. Rotterdam, Holanda: **Sense.**, 2007.
- HENRY, F.; TATOR, C. A cor da democracia: racismo na sociedade canadense. Toronto, ON, Canadá: **Thomson Nelson**, 2005.
- DEI, G. J. S. Educação antirracismo: teoria e prática. Black Point, Nova Escócia: **Fernwood**, 1996.
- DEI, G. J. S.; CALLISTE, A. Poder, conhecimento e educação antirracismo: um leitor crítico. Black Point, Nova Escócia: **Fernwo**, 2000.
- ESCAYG, K. Explorando o anti-racismo em Educação Infantil: Identidade do Professor e Práticas em Sala de Aula. **LIGANDO A PESQUISA E A PRÁTICA**, ed. II, 2019.
- FEAGIN, J. R. O quadro racial branco: Séculos de enquadramento racial e contra-enquadramento. Nova York, NY: **Routledge**, 2010.
- GORMAN, G. Promovendo e desenvolvendo a igualdade racial e antirracista educação: uma visão geral. **Forman**, ed. 1, v. 1, 2016.
- KAILIN, J. Educação antirracista: da teoria à prática. Lanham, MD: **Rowman & Littlefield**, 2002.
- LUND, D. E.; CARR, P. R. Educação Antirracista. **Cap**, Ed. 1, 2008.
- MACPHERSON, W. The Stephen Lawrence Inquiry. **Form**, ed. 1, 1999.
- MANSFIELD, E.; KEHOE, J. Um exame crítico da educação antirracista. **Canadian Journal of Education**, 19, 418-430, 1994.
- MAY, S. Multiculturalismo crítico: repensando a educação multicultural e antirracista. Filadélfia: **Falmer Press.**, 1999.
- UTT, J.; TOCHLUK, S. Professor branco, conheça a si mesmo: melhorando a práxis antirracista por meio do desenvolvimento da identidade racial. **Educação Urbana**, 1-28, 2016.